

O Mensageiro



das Boas Novas da Salvação

Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. —Malaquias 3:1

5 NOVEMBRO 2022

Nº 994

Editorial

UMA VONTADE RENDIDA

Pastor Greg Wenger

Arthur – Illinois – EUA

A vontade do homem é uma faculdade dada por Deus que habilita o homem a escolher e realizar ações deliberadas. Mesmo que a vontade do homem entrou em oposição à vontade de Deus por causa da queda do homem no pecado no Éden, Deus não retirou do homem seu livre arbítrio e capacidade de escolha.

Há lições a serem aprendidas com a maneira que Deus lidou com a vontade do homem na experiência de Saulo de Târsis. Saulo possuía uma vontade forte e pensava servir a Deus quando perseguia os fiéis. Mesmo com toda a dor que infligia aos cristãos, Deus permitiu que seguisse sua própria vontade. Saulo sentia os aguilhões de consciência. Mas no seu zelo ele as ignorava, embora aparentemente com dificuldade (leia Atos 9:5). No caminho a Damasco, Deus se revelou a Saulo de uma maneira que interrompeu sua missão, mas ainda não o obrigou a

nada contra sua vontade. Notemos o toque de súplica utilizado: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” Deus sabia que se recebesse uma revelação clara da Verdade, Saulo escolheria por vontade própria alinhar-se com a vontade dele. Quando Saulo percebeu que Jesus era um com Deus e que ele perseguia àquele a quem pensava estar servindo, seu coração aparentemente ficou partido em tristeza e arrependimento (leia 1 Coríntios 15:9). “Deus fez desmaiar o meu coração; o Todo-poderoso me perturbou” (Jó 23:16). A rendição da vontade de Saulo se tornou evidente em sua pergunta: “Senhor, que queres que eu faça?” (Atos 9:6).

Assim como fez com Saulo, Deus almeja fazer com cada ser humano nesta terra. Mesmo que em seu grande poder ele poderia obrigar todo homem a obedecer-lhe, por motivos que só ele conhece Deus escolheu chamar, persuadir e convencer o homem a render sua vontade tola e destrutiva em favor da vontade altiva, santa e perfeita de Deus. A entrega da nossa vontade resulta na mesma experiência de Saulo: “Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e

recuperou a vista” (Atos 9:18). Quando a verdade ilumina a alma, raia com clareza uma convicção profunda da total tolice da nossa própria vontade, e a escolha incondicional de seguir a Deus se torna um objetivo e desejo fervoroso. Que mudança miraculosa! É o novo nascimento, e não é por menos que é chamado assim. É uma mudança de 180 graus na direção.

Seria maravilhoso se isso fosse o fim da história. Mas infelizmente, a vontade do homem logo procura se reintroduzir após o novo nascimento. Isso se torna a batalha interior de cada cristão — praticar a abnegação cada dia, levando a cruz e seguindo ao Senhor Jesus Cristo (leia Lucas 9:23). Em síntese, é uma entrega diária da vontade do homem a Deus. Se fosse claro para o cristão que cada manifestação da sua vontade é oposição à vontade de Deus, possivelmente a luta seria menos e a entrega viria mais rápido. O coração do homem, acima de tudo enganoso (leia Jeremias 17:9), procura por todos os meios imagináveis esconder de nós a verdade da oposição da nossa vontade pecaminosa aos caminhos de Deus. Muitos de nós podemos dar testemunho a uma renovação de consagração onde a doce paz de Deus novamente fluiu no coração quando novamente rendemos a vontade a ele. A confusão se afastou e a luz das bênçãos de Deus novamente iluminou nosso caminho.

Quem se recusa a voltar de seguir o “caminho que parece direito ao homem” (Provérbios 16:25), escolhe

um caminho que leva cada vez mais longe de Deus. O intelecto humano distorce a verdade de Deus numa mentira para convencer os homens de que servem a Deus enquanto na verdade são inimigos da cruz de Cristo (leia Filipenses 3:18). Que trágico será ouvir naquele grande dia o veredito “Não sei donde sois. Apartai-vos de mim” (Lucas 13:25).

Uma vontade não rendida a Deus é a causa de muito da inquietação, tumulto e problemas mentais sofridos por muitas pessoas, tanto mundanos como cristãos. O apóstolo Tiago fala do homem vacilante, que é instável em todos seus caminhos (leia Tiago 1:8). Uma pessoa assim vive numa luta entre sua vontade e a vontade de Deus, mas está indisposta a reconhecer a verdade desta luta. Se reconhecesse e entregasse sua vontade, o conflito cessaria, viria a paz, e seus hábitos de pensamento se estabilizariam. Oh! quanta miséria numa vontade não rendida.

Todo pai cristão tem o desejo e convicção de disciplinar a vontade do filho, sabendo dos resultados trágicos se isso não for feito cedo na vida. Como se faz isso? Tem pais demais que tentam subjugar a vontade do filho sem ter sua própria vontade rendida. O resultado é um embate das vontades, que gera desrespeito e rebelião no coração do filho. Somente quando tem a vontade submissa ao Pai celestial em plena obediência é que consegue dar ao filho um exemplo de alegria na submissão.

Além do mais, é somente então que Deus abençoa seus esforços, dando amor e sabedoria para corrigir o filho corretamente quando desobedece. Não cabe aos pais forçar a obediência, assim como Deus não nos obriga a obedecê-lo. Deus usa a disciplina para nos mostrar que “o caminho dos infiéis é áspero” (Provérbios 13:15) e nos convencer que o pecado não vale as consequências. Da mesma maneira, a disciplina administrada pelos pais deve ser “vara da correção” (Provérbios 22:15), temperado pelo amor e temor do Senhor, e não uma vara de coerção. Ao observar a luta do filho com sua vontade própria, o coração do pai deve ser movido de compaixão para com o filho, não por ira ou frustração, pois conhece a dificuldade da sua própria luta com sua vontade. Isso resultará na conversão do “coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais” (Malaquias 4:6).

É importante que todos que tem posições de autoridade na igreja — pastores, diáconos, líderes e membros de comissões — mantenham a vontade em submissão a Deus. Caso contrário, é muito fácil surgir abuso de poder. Da mesma forma no mundo comercial, será difícil agradar a um patrão de gênio forte e os colaboradores serão frustrados. O apóstolo Tiago nos adverte do perigo de posições de poder: “Meus irmãos, não sejais muitos de vós mestres, sabendo que receberemos um juízo mais severo” (Tiago 3:1).

Uma vontade rendida seria uma vontade fraca? Longe disso! Uma vontade rendida à vontade do Senhor recebe uma força maravilhosa pela graça de Deus. Temos como exemplo os Mártires e sua força de vontade inabalável sob ameaça de morte. Muita coisa boa pode ser realizado no reino quando nossa vontade é alinhada com a vontade de Deus e somos colaboradores com ele. Quando se tornou o apóstolo Paulo, Saulo ficou sendo um vaso de grande utilidade na mão de Deus para levar o evangelho a lugares distantes, mesmo diante de oposição extrema. Ele era inabalável em seu propósito e proclamou que “em nada tenho a minha vida por preciosa” (Atos 20:24).

Uma fé inabalável e convicção profunda de que o caminho de Deus é o melhor são chaves importantes para manter nossa vontade em submissão e poder dizer como nosso Salvador: “Não seja, porém, o que eu quero, e, sim, o que tu queres” (Marcos 14:36). ▲

Os pastores escrevem

REDESCOBERTA E INTERPRETAÇÃO

*Pastor Gladwin Koehn
Brooksville – Mississippi – EUA*

Firmeza de fé e prática no reino de Deus requer um alicerce profundo. Jesus citou um exemplo de alguém que “cavou, e abriu bem fundo, e lançou os alicerces sobre a rocha” (Lucas 6:48) antes de construir sua casa. A

construção daquele homem resistiu à tempestade e dilúvio. Agora, dois mil anos depois, os fiéis precisam novamente cavar fundo, como os arqueólogos, para descobrir a rocha antiga que ainda é nova e construir sobre ela um fundamento sólido.

A arqueologia é o estudo científico dos resquícios materiais da vida e atividades humanas no passado, analisando o que restou da cultura de um povo. Dedicados à sua profissão, arqueólogos são escavadores que esperam descobrir artefatos e restos de estruturas e civilizações antigas. Pode ser que o desafio maior do seu trabalho esteja na interpretação daquilo que descobrem na escavação.

Há um interesse arqueológico contínuo em terras bíblicas onde os antigos israelitas andavam e viviam. Estudiosos que trabalham nesse esforço reconhecem que há um certo preconceito entre eles no sentido de confirmar ou refutar a validade do relato bíblico. Alguns tratam tudo que descobrem com uma medida de cinismo. Outros, com uma medida de “fé” temerosa procuram “evidências” de que a Bíblia seja verdade. E outros ainda procuram evidências que podem ser usadas para tentar provar sua ideia pessoal predileta. Assim, pode haver uma divergência enorme nas várias interpretações daquilo que é descoberto. É fácil os homens esquecerem ou ignorarem o fato que Deus é seu próprio intérprete e que, se o registro histórico contido na Bíblia não for acompanhado pela fé, de

muito pouco aproveita (leia Hebreus 4:2). No entanto, para quem tem uma fé simples, muitas das coisas descobertas servem para confirmar sua fé na Bíblia (como por exemplo, os pergaminhos do Mar Morto).

No cristianismo, muitas pessoas estão “escavando” e “descobrimdo” muitas coisas. Tem algo lhes motivando ao peneirarem sua consciência e pedacinhos de fé histórica como também os escritos (inclusive a Bíblia), credos, movimentos e tradições. As conclusões daquilo que encontram são frequentemente diversos e sujeitos a contra-conclusões. Se não existisse eternidade, céu ou inferno, se não tivéssemos a Palavra clara de Deus, ou nenhuma “fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas v.3), tudo isso seria inconsequente e sem importância.

Segundo as Escrituras, concernente à causa de Cristo, há muito a ser redescoberto e recobrado hoje. Isso não trata apenas de coisas históricas, mas de questões da alma e de consequências eternas. Jesus sugeriu que, quando voltasse para julgar o mundo, a fé seria escassa (leia Lucas 18:8). É provável que a “apostasia” (2 Tessalonicenses 2:3) mencionada por Paulo inclui o desvio significativo da fé que observamos hoje. O mundo precisa redescobrir a fé salvadora e guardadora. Jesus disse que nos tempos do fim “que o amor de quase todos se esfriará” (Mateus 24:12). Muitos amarão mais a si mesmo do que a Deus e a justiça (leia 2 Timóteo 3:2-4). Para

as pessoas arduamente escavando as camadas de escombros das religiões e ideias humanas, onde vão encontrar o amor a Deus e os homens que identifica um cristão verdadeiro (leia João 13:35)? Ao ancião da igreja de Éfeso, Cristo disse que havia deixado algo vital para a salvação e o serviço. Isso precisava ser reencontrado (leia Apocalipse 2:4). Para esta redescoberta do primeiro amor muitas vezes é preciso cavar fundo.

Conforme vemos na sociedade em geral e nas igrejas ao nosso redor, não isentando a nossa amada igreja, a causa de Cristo requer discípulos verdadeiros e honestos que cavem fundo para encontrar a rocha. Muita coisa depende de um despertamento do zelo e fervor pela fé como em tempos passados. Por exemplo, o que a história nos contaria se nossos irmãos anabatistas não tivessem cavado fundo para alcançar o fundamento sólido da Palavra, e uma vez encontrada, não tivessem se submetido ao custo da interpretação verdadeira do mesmo?

Na batalha da igreja versus o mundo, cada geração tem a responsabilidade de encontrar o fundamento e interpretar a fé para as circunstâncias atuais. Isso é realizado com um espírito de batalhar fervorosamente pela verdade e o bem (leia Judas v. 3). Não devemos pensar nas conferências e conselhos da igreja como tendo liberdade para “ajustar” princípios bíblicos para valores mais compatíveis com os tempos. Antes, quando surgem questões e indagações, o Espírito Santo

nos ajuda a cavar fundo para alcançar a rocha sólida, Cristo Jesus, a Palavra encarnada. Neste esforço, a igreja frequentemente é auxiliada ao considerar a luz espiritual dos antepassados. Os antepassados não são a rocha ou fundamento que Cristo Jesus foi, mas não erraremos se seguirmos seu compromisso absoluto com a Palavra infalível de Deus e sua obediência ao mesmo (leia Atos 26:19).

Ano após ano chegam novas ondas de jovens capacitados nas praias desafiadoras da experiência humana, e esperamos que sempre chegarão. Nossos jovens se tornam membros da igreja e em poucos anos muitos estabelecem seu próprio lar. O aumento estatístico da igreja é impressionante. É correto que as congregações regozijem no potencial que isso representa para boas coisas no futuro. Se esta bênção for redundar para a honra e glória de Cristo, nossos jovens terão que cavar fundo e descobrir a Rocha.

Parece que a qualidade e fé dos irmãos bereanos (leia Atos 17:10-11) tem perdido um tanto da sua atração. A ênfase anterior no estudo da Bíblia em preparação para testemunhar da verdade foi substituído por um ambiente mais social. Em se tratando dos jovens e suas atividades, a falta está tanto ou mais na supervisão e administração da visão original quanto com os próprios jovens. Não é fácil cavar fundo para descobrir a convicção e propósito original, mas as classes preparatórias de rapazes e moças contribuem para este fim. É

digno de nota que as unidades de serviço voluntário são um microcosmo do verdadeiro propósito cristão.

Na igreja em geral, a intenção de continuar como parte da igreja raramente entra em jogo. Mas o zelo de conhecer melhor a Cristo e sua doutrina para vivê-los em fidelidade por muitos não é considerado necessário para a salvação. Isso é um erro gravíssimo — isso não é a fé anabatista. Isso demonstra a necessidade de consagração envolvendo um reset interior das motivações pessoais até que a pessoa descubra a rocha em que foi gerado (leia Deuteronômio 32:18) e constrói sobre a mesma. “Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede; perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele, e achareis descanso para as vossas almas” (Jeremias 6:16). Somente assim chegaremos à unidade bíblica no Espírito Santo na compreensão do que é a verdadeira espiritualidade e salvação.

Os “sinais dos tempos,” conforme registrados na Palavra, indicam uma necessidade de mantermos a vigilância, visão e obediência para não sermos desviados das portas celestiais. O Espírito Santo, assim como foi proeminente no estabelecimento da igreja primitiva, está também agora na véspera da volta de Cristo intensamente interessado em ajudar a igreja a terminar sua jornada com sucesso. Na antiga dispensação Jeová frequentemente chamava seus filhos de volta para suas raízes e fundamento. Não devemos ressentir se hoje faz a

mesma coisa. Se estamos “em repouso em Sião” (Amós 6:1), acomodados com as coisas como estão, então está na hora de despertar e se mexer. Que a igreja seja despertada para renovar seu conhecimento do fervor de antigamente dos antepassados fiéis para trabalhar nos moldes verdadeiros (leia Êxodo 25:9 e Hebreus 8:5)

Duas perguntas salientes se apresentam. A primeira: por que citar o que os antepassados criam, visto que os tempos mudaram e “hoje é o nosso dia”? Em certo sentido, não importa muito o que eles escreveram ou creram. Nada que nós fazemos ou pensamos ofuscará o testemunho e bênção daqueles que já ganharam sua coroa. Mas a questão na verdade é: podemos nós esperar ganhar nosso galardão usando ferramentas diferentes do que eles usaram?

A segunda pergunta: como chegamos a uma aplicação prática dos princípios bíblicos em nossa realidade atual? A resposta só será compreendida quando possuímos o que o profeta Daniel possuía: “Então [o anjo] me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras, e eu vim por causa das tuas palavras” (Daniel 10:12). Daniel almejava compreender o que a Palavra profética indicava — até o finalzinho do tempo. Suas orações fervorosas, que incluíam confissão dos pecados de Israel, foram aceitas por Deus.

Para nós hoje, a nossa interpretação daquilo que “descobrimos” na Palavra tem que ser compatível com o dia do juízo, e não apenas raciocínios humanos atualizados. Enfocar as complexidades dos tempos tende a diminuir nossa fé simples na sabedoria de Deus revelada em sua Palavra. Em contrapartida, quando fixamos os olhos na visão do trono celestial como Estêvão fez, podemos saber que a sabedoria está nas portas celestiais olhando para nós com cuidado e solicitude (leia At 7:56). ▲

Bons despenseiros

MUDANDO NOSSAS METAS FINANCEIRAS

*Diácono Jamon Penner
Inman – Kansas – EUA*

Cada um de nós temos uma visão um pouco diferente a respeito de finanças e qual seria a quantia “ideal” de dinheiro que devemos ter ou ganhar. Cada um de nós podemos ter uma visão um pouco diferente a respeito da quantidade de bens que devemos possuir, ou qual deveria ser o patrimônio líquido dos filhos de Deus.

Quando estamos novos temos o mundo pela frente. Terminamos os estudos, iniciamos nosso primeiro emprego e começamos a experimentar a dura escola da vida. Ao recebermos nosso primeiro salário nos perguntamos como que algum dia estaremos na posição financeira de

poder comprar uma casa, comprar um carro à vista, e ter um fundo de reserva para o dia dos infortúnios. Como podemos ser aquela pessoa generosa que tanto admiramos. Parece ser um alvo impossível, alcançado somente por aqueles que estiveram no lugar certo na hora certa.

Assim que o tempo passa e nos entregamos ao trabalho a fazer, percebemos que nossa renda aumenta e nosso poder aquisitivo cresce. Começamos a acreditar que se conseguirmos viver com menos do que estamos ganhando, podemos “prosperar.” À medida que começamos nossa vida de casado, nossos custos aumentam. Sentimos o peso da responsabilidade de prover para nossa família recente. Percebemos que vamos ter que trabalhar mais horas, expandir nosso negócio e ganhar mais dinheiro para cumprirmos com as exigências da fase desafiadora da vida em que estamos, e das contas intermináveis que aparecem.

Novamente nossa renda aumenta e começamos a ver que podemos comprar um carro melhor, adquirir uma casa maior, e assim acompanhar os outros. Esta é a fase da vida da qual um irmão de meia idade me falou uma vez: “Materialismo quer dominar a pessoa como nunca antes!” Como lidamos com aquilo que quer nos dominar?

O maligno sabe que se conseguirmos manter como pais de família fora de casa o máximo possível, ele pode impactar nossos lares. Sabe que se conseguirmos nos convencer a trabalhar

um pouco mais, ou nos ocupar um pouco mais, pode com menos esforço nos convencer a sair apressadamente de manhã sem fazer devoções por vários dias. Ele pode nos tentar a comprar ou arrendar mais terras, contratar mais obras de construção ou aumentar nossa freguesia a ponto de não haver outra opção a não ser trabalhar de uma forma descontrolada. Então um mutirão pela congregação, um pedido para fazer devoções na escola, ou uma noite de cantar para os outros “simplesmente não cabe na agenda.” Ele pode sutilmente alimentar nosso desejo por sucesso financeiro, e se deixarmos, nos afogar sob uma carga horária, dívida, e obrigações, que o pensamento de darmos um tempo para a obra do Senhor, seja aqui ou em outro país, nem ache espaço em nosso coração.

Nossos alvos financeiros que estabelecemos enquanto jovem, com tempo são alcançados, e nossas metas começam a mudar. As metas originais que tínhamos parecem menor do que antes. Temos nos acostumado com longas horas de trabalho árduo. Continuamos trabalhando, e nossa conta bancária, patrimônio e poder de compra continua crescendo. Queremos fazer bons investimentos e usar o que sobra para gerar mais dinheiro. Como diz o velho ditado: “Com dinheiro vem nova luz.” Somos tentados a procurar novas oportunidades para ganhar dinheiro rápido, algumas das quais a Bíblia nos ensina não fazer, como especular na bolsa, jogar

na loteria ou investir em criptomoe-das. “O homem fiel será cumulado de bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não ficará sem castigo” (Provérbios 28:20). Reconhecemos que temos bastante, mas queremos aposentar com dinheiro e bens suficiente para não termos falta. Continuamos ganhando mais dinheiro e aumentando o patrimônio. Os alvos financeiros que estabelecemos anos atrás nos parecem ser antiquados e somos tentados a mudar novamente nossas metas financeiras.

A Bblia nos dá um exemplo e uma advertência sobre isso: “Então lhes disse: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui. E propôs-lhes esta parábola: O campo de um homem rico produziu com abundância. Então ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: farei isso: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos. Descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma. Então o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que para si junta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lucas 12:15-21). Que direção mais clara pra nós!

Requer muito esforço e tempo para prover para uma família, mas

quando seria a hora de dar uma paradinha e ver que já não estamos passando necessidade? Quando é a hora de percebermos que temos o suficiente, para podermos frear um pouco e dar mais do nosso tempo e bens para promover o evangelho e conduzir as almas sedentas a Cristo? Posso avaliar minha situação financeira e livremente reconhecer pra mim mesmo que tenho mais do que suficiente para minha época da vida? É correto preparar-se para a hora de aposentar. No entanto, olhando em volta sempre será possível ver alguém que tem mais que nós e usando isso como comparação, mais uma vez mudarmos nossas metas financeiras. O processo de nos prendermos com obrigações terrenas continuará se constantemente mudarmos nossas metas financeiras. Podemos dizer que temos o suficiente e pedir a Deus que nos guie em todas estas áreas. Foi perguntado uma vez para meu avô qual era o sentimento dele depois de ter colhido uma boa safra de trigo e vendido a um preço bom dois anos em seguida. Ele respondeu: “É uma responsabilidade enorme.” Fico muito grato pelo seu exemplo.

Será que vemos a seriedade do perigo das riquezas para o cristão? Há quem diga que o “sonho americano” é o pesadelo do cristão. Será que entendemos a dor que pode vir por causa do excesso de prosperidade? “Mas os que querem ser ricos caem em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na

ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1 Timóteo 6:9-10).

À luz destes versículos, será que reconhecemos os possíveis perigos de repassar uma grande herança para nossos filhos? Temos a tendência de pensar que é somente o amor ao dinheiro que é a raiz de todo mal, e que podemos escapar se não amarmos nosso dinheiro, e dizemos que tudo é de Deus. A escritura diz claramente que iremos cair em tentações, laços, e concupiscências nocivas se vamos ser ricos.

Nosso tempo e dinheiro são tudo de Deus. Ele quer que sejamos bons administradores. O livro de Provérbios é rico em instruções que, se seguidos, irão nos proporcionar riquezas terrestres. O Novo Testamento nos dá ensinamentos claros de Jesus que de forma alguma retira do livro de Provérbios, mas pelo contrário nos ensina o que fazer com as riquezas terrestres. Um dia iremos prestar contas de tudo aquilo que ganhamos e gastamos. Será que reconhecemos quão importante é cuidar dos talentos que Deus tem nos dado? Estamos sendo infiéis com os talentos que ele tem nos dado se usamos nossa renda excessiva para aumentar nossa aquisição de riquezas? Recentemente um irmão perguntou: “Com quanto de valor em bens e patrimônio me sinto confortável em me apresentar perante Deus no dia do juízo?”

Que peçamos a Deus direção diária em nossos afazeres materiais, e que prestemos atenção à voz do Espírito Santo, assim que ele nos guia pela jornada da vida. “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta. Mas não sabes que és um coitado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado no fogo, para que te enriqueças; e vestes brancas, para que te vistas, e não seja manifesta a vergonha da tua nudez; e colírio, para ungires os teus olhos, a fim de que vejas” (Apocalipse 3:15-18). ▲

Vozes do passado

ORAR PELA IGREJA

Pastor Reuben Koehn
Editoriais Antigos

Mesmo estando em uma terra estranha, Daniel tinha uma preocupação com Jerusalém, a cidade de Deus, e orou: “Agora, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário desolado faze resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor” (Daniel 9:17).

O povo de Deus tem uma responsabilidade tão grande de lembrar da igreja que Cristo construiu quanto os israelitas tinham de lembrar de

Jerusalém enquanto cativos na Babilônia. “De longe lembrai-vos do Senhor, e suba Jerusalém ao vosso coração” (Jeremias 51:50). Aqui na terra há uma Jerusalém que precisa ser lembrada – a igreja do Deus vivo – para que possa haver uma purificação e uma união dos habitantes desta cidade e que o amor cristão, a comunhão, e o serviço possam ser mutuamente desfrutados. Devemos deixar que a causa de Deus esteja em nossas mentes; nossas janelas devem estar abertas em direção a Jerusalém, como as de Daniel, ao orar pelo progresso do trabalho de Deus na igreja. A igreja hoje deve ser lembrada dos seus desvios e de suas transgressões. Jesus chorou sobre Jerusalém, e Paulo chorou sobre inimigos da cruz de Cristo nas igrejas (Leia Lucas 19:41; Filipenses 3:18). O Cristão que não tem uma sincera preocupação pela igreja, deve estar longe do Senhor.

Enquanto no cativeiro, Daniel orou pelo santuário – o lugar que Salomão dedicou ao Senhor para uma casa de sacrifício. Deus aceitou o santuário enchendo-o com sua glória (leia 2 Crônicas 7:1). Da mesma maneira, a igreja que Jesus construiu é o santuário onde a glória de Deus está. Assim como Cristo é maior que Salomão, a igreja é mais importante que o templo. A Palavra de Deus foi profetizada do templo, e de lá ele governava o povo. Isto é simbólico da igreja.

“Teu santuário que é desolado”. As mensagens de João às sete igrejas da Ásia (menos duas), a parábola

das dez virgens, a pergunta de Jesus – “achará ele ainda fé na terra?” – e o relato de Paulo sobre “a queda de muitos” mostra que muitos têm abandonado o santuário. Para eles, o santuário está desolado. Somente os ignorantes e teimosos afirmam que tudo está bem com o santuário e não estão preocupados com a igreja.

Nosso presente esforço de ter uma visita mais profunda com cada membro da igreja em relação à condição espiritual de cada um – a certeza do novo nascimento, abraçando a fé uma vez dada aos santos; aceitando no coração a igreja como uma aliança com Deus, pessoas organizadas, e andando em harmonia com as diretrizes da igreja – traz à tona a falta de cuidado e convicções. Para muitos, o cuidado com a igreja e sua obra não tem importância. O principal motivo disso é desobediência a Deus em alguma área.

Uma parte da oração de Daniel foi: “Sobre o teu santuário faze resplandecer o teu rosto” – trata graciosamente o teu povo e faça os arrependerem e serem consagrados e dedicados à causa. Para o Senhor sorrir sobre sua igreja, significaria muitas coisas. Jesus disse que a igreja que ele construiu nunca seria derrotada, mesmo se muitos seriam cativos e levados à Babilônia. O primeiro amor dos que são fiéis e que permanecem será renovado e haverá verdadeira adoração a Deus vindo do coração e que o Senhor irá aceitar com prazer. Será uma comunhão entre os irmãos que revelará um andar com Deus, e

terá uma santidade que irá mostrar a separação com o mundo na conversação, vestuário, desejos materiais e concupiscências. Será também que os que são chamados dentre os irmãos para guiarem o rebanho serão incontaminados e renderão serviço fiel a Deus, proclamando a verdade em clareza e lidando com assuntos na igreja que são ofensivas e perigosos de acordo com a Bíblia.

Quando Deus faz resplandecer o seu rosto sobre o santuário, o testemunho de seu povo será ouvido e será efetivo. As pessoas das quais os interesses e orações não são pela igreja já estão derrotadas. Quando o santuário é desolado, as pessoas desesperam, e provavelmente a geração por vir não irá buscar o Senhor. Que cada um em Sião possa ser um Daniel, com uma profunda preocupação pela igreja. Não faça nada que irá entristecer o Senhor, então ele não resplandecerá o seu rosto sobre o santuário.

A última declaração na oração de Daniel foi, “por amor do Senhor.” A igreja é do Senhor, e as pessoas no santuário são dele, como também o trabalho de salvar o mundo. O preço que ele pagou é algo além da nossa compreensão, tornando-o digno de adoração de louvor.

Para os que tem ido a Babilônia e tem deixado o santuário, Deus estende misericórdia dizendo: “Farei que sejais habitados como dantes, e farei vosso estado melhor que nos vossos princípios. Então sabereis que eu sou o Senhor” (Ezequiel 36:11).

Permanece então um futuro para as pessoas da aliança, mesmo que possam ter desviado, se voltarem ao Senhor – receberão uma bênção maior do que tinham no começo.

Recordamos todas as coisas boas em nossos começos – perdão, paz, alegria, vitória sobre más inclinações, grande deleite na oração e na Palavra de Deus, zelo e serviço cristão. Deus promete algo ainda melhor. Ele dará uma fé mais forte, um conhecimento maior de seus caminhos, um amor duradouro, uma vida de oração mais efetiva, e maior utilidade em seu serviço. Em poucas palavras, haverá mais maturidade, pois seus filhos vão brilhar mais e mais até ser dia perfeito (Provérbios 4:18).

Para herdar esta bênção, deve haver um voltar atrás e um restabelecimento dos velhos bens (recuperar a antiga propriedade) – uma simples fé em Jesus, abandonando o pecado, procurando um relacionamento íntimo com o Senhor, e fazendo as primeiras obras. ▲

A irmandade escreve

LEITURA SACRIFICIAL

Bryan Wenger

Hiawatha – Kansas – EUA

O que temos lido essa semana passada? Quanto tempo temos passado lendo ou ouvindo leituras? Quando que tivemos tempo para ler? E nos últimos seis meses, ano

ou cinco anos? Temos tirado tempo para analisar nossos padrões de leitura e ponderar o que temos consumido e pensar do nível de satisfação e realização que temos tido, e o que a nossa leitura tem feito a nós ao passar dos anos? Eu estou satisfeito com os hábitos que tenho estabelecido em minha vida, aqueles de que serei lembrado por minha família? Minha paz está sossegada ao pensar em dar um relatório final do tempo gasto e material consumido?

De modo geral, o valor da leitura é indiscutível. Ela é essencial para a educação e aprendizado em nosso mundo atual. A leitura abre as mentes das pessoas mais novas e amplia seus horizontes de muitas maneiras. Ela desenvolve a percepção e acrescenta aos nossos interesses aquilo que, sendo muito importante, nos ajuda a interagir com pessoas e relacionar com as diversas áreas e culturas das diferentes pessoas que encontramos no decorrer da vida. Porém, uma das realidades de nosso tempo é o aumento de liberdade de acesso entre nós como pessoas no desenvolvimento contínuo das muitas possibilidades de materiais de leitura e outras mídias, especialmente para nossos jovens. Um tempo atrás, ouvi uma adolescente falando entusiasmada sobre um livro recém lançado. Depois, ao folhear fiquei pasmo ao ver uma obscenidade logo no primeiro parágrafo. Tive que me perguntar: é aceitável nossos jovens e adolescentes lerem estas coisas agora nesta idade?

Como pais estamos suficientemente alertas e prevenidos com o material que nossa família está consumindo? Temos lançado um fundamento para envolvimento amistoso e edificante, ou estamos em falta por não estarmos envolvidos? Este fundamento pode ser muitas coisas, mas acredito que estando entusiasmados sobre os interesses de nossos filhos desde pequenos pode fazer uma diferença na eficácia da nossa capacidade de nos envolver com eles a respeito das suas leituras e as coisas que escutam.

Sem dúvida, muitos de nós que gostamos de ler, temos experimentado que assim que as responsabilidades da vida adulta e especialmente da vida familiar caem sobre nós, começamos eventualmente a deixar de ser “ávidos leitores”, podendo então sermos chamados de “leitor abnegado”.

Como cristãos, temos embarcado em uma jornada em aprender como viver uma vida de sacrifício e abnegação, e nossos hábitos de leitura estão inclusos. Assim que essa mudança acontece na vida, afeta profundamente nosso material de leitura espiritual, mas o mais importante é que também traz mudanças nos hábitos de governar nossa leitura de material secular que é ainda necessária e importante para nós. Pode haver negócios ou outras publicações importantes que nos mantêm informados. Da mesma forma, existem outras publicações e literaturas que nos conectam a vários grupos de pessoas e interesses. Podemos achar que vale a pena

manter-nos informados com acontecimentos globais, eventos e condições nacionais, especialmente porque vivemos num mundo cada vez mais pequeno com irmãos e amigos em vários países. Talvez estamos lendo um livro em família ou ouvindo um livro com nossas crianças. Em tudo isso, com certeza um “leitor abnegado” deve estar atento às necessidades ao seu redor e deve estar preparado para uma interrupção. E mesmo que uma leitura para distração não seja errado, um “leitor abnegado” verá que tal lazer é limitado por suas obrigações e seu tempo. Ao crescermos e aprofundarmos espiritualmente, veremos que nossa leitura secular está sendo substituída pelos recursos mais valiosos na terra, o que queremos examinar no restante deste artigo.

Aqueles de nós que somos ou já fomos ávidos leitores, serão capazes de se relacionar com o fato de estar constantemente procurando por um “bom livro” ou à procura da raridade de um “livro realmente bom”. Quando pegamos a divinamente inspirada palavra de Deus, não cessa essa procura, pelo menos para o momento? Na Bíblia Sagrada, podemos encontrar refúgio desta constante procura e avaliação que um leitor atento estará exercendo ao ler ou procurar pelo material secular do mundo, mesmo sendo o mais benéfico e apropriado que seja. Em Eclesiastes 12:12 diz: “Demais disto, filho meu, atenta: Não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne”. A

Bíblia em sua completa e concisa simplicidade nos livra desta responsabilidade constante e cansativa de analisar e avaliar tudo que lemos, não apenas em livros seculares e de autoajuda, mas também na abundante e infinita modernidade de livros religiosos.

A. W. Tozer escreveu: “Fé... é o resultado de um constante e sacrificial compromisso à oração e leitura da Bíblia”. Onde eu estou em relação a leitura da minha Bíblia e outras leituras espirituais? Tenho abraçado aquele “compromisso sacrificial” e alcançado algum nível de perseverança? Ou será que me encontro constantemente voltando ao modo “quase vazio”? Eu leio a Bíblia porque eu quero lê-la, ou porque quero poder dizer que li?

Se encaramos a leitura da Bíblia como algo difícil ou temível para nós, será que precisa ser assim? Faz parte do sacrifício e compromisso, mas podemos descobrir que a Bíblia é aberta a nós de uma forma que é sustentável e inspiradora. Certamente, os ouvidos de Deus estão atentos a esta oração: “Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei” (Salmo 119:18). Ao pensar nas lutas que tenho tido na leitura bíblica e o que tem ajudado ou atrapalhado, há de modo geral dois métodos ou abordagens para a leitura da Bíblia que vieram à mente. Podem ser chamados de abordagem “fragmentada” e abordagem “compreensiva”.

Sem dúvida há vezes quando aleatoriamente abrimos a Bíblia e uma passagem ou frase nos inspira ou fala à

nossa necessidade. Se a nossa leitura da Bíblia é geralmente caracterizada por uma abordagem que é fragmentada pela falta de um plano ou consistência, iremos ter dificuldade em encontrar os “verdes pastos” e as “águas tranquilas” que nossas almas estão ansiando.

Mateus 4:4 diz que o homem “vive... de toda a palavra que sai da boca de Deus”. Uma abordagem “compreensiva” à leitura da Bíblia começa com uma convicção baseada na fé que não podemos viver uma vida bem sucedida sem um sólido sistema de direção, percepção, e sabedoria da Palavra Sagrada de Deus. Temos que ler a Bíblia repetidas vezes para estudar, aprender e lembrar que seus conceitos inspirados, quando compreendidos e almeçados, farão toda a diferença em nossa vida diária. Essa convicção irá nos levar a ler porções ou até livros da Bíblia em contexto para entender completamente sua profundidade e significado. Para aqueles que tem feito ou encontrado um tempo calmo e tranquilo para tal leitura compreensiva, se torna uma parte do nosso dia que não queremos perder. Eu sou um leitor abnegado? ▲

VOCÊ SERVE A DEUS EM VÃO?

Roger Smith

Fountain Run – Kentucky – EUA

O livro de Jó possui quarenta e dois capítulos. A primeira frase começa assim, “Havia um homem na terra de Uz.” A última frase do livro

diz, “Então morreu Jó, velho e farto de dias.” Porque esse relato do maior homem do oriente é registrado na Bíblia e preservada até o dia de hoje? Que possamos contemplar e encontrar inspiração.

Não entendemos completamente o plano de Deus com Satanás, e a conversa entre eles. Por que Satanás estava na presença de Deus? Será que isso acontece hoje ainda? Sabemos o que aconteceu e que Deus começou a conversa fazendo uma pergunta: “De onde vens?” (Jó 1:7). A resposta recebida não foi muito clara. A próxima pergunta: “Observaste a meu servo Jó?” Esta pergunta parece que despertou uma resposta imediata e sincera. Disse que tinha observado sim, e perguntou: “Teme Jó a Deus em vão? Acaso não o tens protegido de todos os lados a ele, a sua casa e a tudo o que tem” (vv. 9-10).

Conhecemos a história. Em pouco tempo, esse homem maravilhoso foi reduzido a um vestígio lamentável daquilo que era antes. Ele perdeu todos os bens materiais e como se não fosse o suficiente, perdeu os filhos. Seu status e reputação desapareceram. Perdeu a saúde e acabou até o apoio da pessoa mais próxima a ele. Não sobrou nada. Estava totalmente arruinado.

Qual seria a minha reação nessa situação? Será que creio que Deus me abençoa e recompensa por causa do meu desempenho? No meu subconsciente penso que se eu viver fielmente Deus irá me abençoar com coisas

boas e confortáveis bênçãos materiais? Não conheço ninguém que tem sofrido como Jó sofreu, mas será que em nosso sofrimento começamos a sentir que Deus nos abandonou? Parece que a nossa fé se abala por causa desta mentalidade que é tão natural. Eu tenho tentado, tenho me esforçado e tenho sido cheio de boas obras, como Jó, e agora isso vem sobre mim. Porque sirvo a Deus? Se soubéssemos de antemão que íamos “perder tudo”, qual seria nosso compromisso?

Se entendo a história, Jó era um gentio. Ele era um edomita (palestino), um descendente de Esaú, dos filhos de Issacar. Não era nada do que podemos classificar hoje como “meonita,” e quais foram as suas palavras? “Receberemos o bem de Deus, e não receberemos o mal.” (Jó 2:10). Em tudo isso ele não pecou nem fez acusação alguma a Deus. Em uma conversa subsequente com Satanás, Deus disse: “Ele [Jó] ainda conserva a sua integridade, embora me incitasses contra ele, para o consumir sem causa” (v3). São palavras muito interessantes.

Jó tinha sido abençoado materialmente, e servia a Deus. Seus bens materiais foram retirados, e ele ainda serviu a Deus. Ele não sabia que Deus o abençoaria novamente no futuro. Ele viveu no presente, assim como nós vivemos.

Ao considerarmos, devemos entender que Deus já nos pagou tudo que devia e muito mais. “Vede quão grande amor nos concedeu o Pai, que

fôssemos chamados filhos de Deus” (1 João 3:1). Nossa possessão do Espírito Santo, nosso selo de redenção e nossa promessa de um galardão eterno são muito além de qualquer coisa neste mundo. Temos somente uns poucos dias para perseverar antes de podermos atravessar o rio e ir para o lar celestial!

Por que sirvo a Deus? Que posamos continuar meditando no maravilhoso relato de Jó que foi escrito para nossa edificação, com um propósito. João 3:16 diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira.” Amamos a Deus assim? ▲

QUANDO DESCANSAR É SUFICIENTE

Shana Yost

Pincher Creek – Alberta – Canadá

Salvação é mais sobre Deus do que é sobre mim. Mas aqui estou eu, tentando ser suficiente. Por que eu tento ser suficiente? Não tenho mínima possibilidade de alcançar isso. Sacrificando a mim mesmo para ganhar aprovação de Deus não será o suficiente. Quando me esforço em agradar a ele, estou rejeitando Jesus que foi o sacrifício final e definitivo.

Por tempo demais me esforcei para provar a Deus que eu era boa. Como era cansativo, arrogante e absolutamente faltoso de entendimento de sua graça. Preciso permanecer em seu amor. “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu tenho

guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor” (João 15:10). Permanecer significa aceitar algo. O principal componente de permanecer depende em aceitar os mandamentos do Pai. Se eu não vivo de acordo com eles, não serei capaz de permanecer em seu amor. Um segundo componente de permanecer é a minha necessidade de aceitar o seu amor por mim – completamente! “Em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8). Permanecer também significa residir ou morar dentro. Quando permaneço em seu amor, significa que eu descanso ali. Eu sou amada. Eu não questiono as circunstâncias porque estou segura.

Um evangelista em um avivamento pregou um sermão sobre idealismo. Deixou um pensamento que quando temos grandes ideais para a vida cristã, tendemos a sentir que nunca somos bons o suficiente. Enquanto Deus aprecia um coração que procura ser perfeito nele, ele quer que entreguemos o bom e o ruim e deixemos tudo com ele.

Isso foi um conselho válido mas difícil para pôr em prática. Facilmente me enrolava em minhas más escolhas e depois lutava para me livrar, ou então regozijava em minhas boas escolhas e ignorava a verdade que tudo o que é bom vem do Pai celestial. Ironicamente, quando abria mão de tentar ser boa o suficiente e escolhia descansar no Pastor, me tornei suficiente, e estou em casa. ▲



A ÁRVORE JUNTO ÀS ÁGUAS

Leah Renno

Belleville – Pennsylvania – EUA

“Bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Ele será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro. Não receia quando vem o calor; suas folhas são sempre verdes. No ano de sequeidão não se perturba, nem deixa de dar fruto” (Jeremias 17:7-8). Estes versículos me inspiraram quando os li e senti em escrever algumas impressões que tive sobre eles.

Imagine uma árvore bem alta, verde e viçosa, sua copa se espalhando sobre as margens de um rio largo e caudaloso. Pássaros encontram nela um perfeito refúgio para eles e muitos construíram ninhos em seus fortes galhos. Ela oferece sombra para o viajante cansado, que parou para descansar e se apoiar em seu tronco. Agora, vamos comparar isso com a vida cristã. Os versículos supracitados falam que se esperamos e confiamos no Senhor, seremos como

a árvore plantada junto às águas. Nossas raízes serão arraigadas na Palavra de Deus, dando-nos uma base para construir em cima. “Não receia quando vem o calor; suas folhas são sempre verdes”. Quando as provas e tentações surgem para nos derrubar, podemos receber nutrição das raízes e beber profundamente da fonte de águas vivas.

“No ano de sequeidão não se perturba, nem deixa de dar fruto”. Com a nossa visão fixa em Deus e nosso contato diário com ele intacto, não precisamos temer o futuro. O amor de Deus irá penetrar em nossas vidas e nos motivar a alcançar em humildade os que estão em nosso redor. Fazendo assim, daremos fruto a ele. Desejo isto para a minha própria vida. Escrito em fraqueza. ▲

HÁ ALGO A MAIS

Stephanie Rempel

Rosenort – Manitoba – Canadá

Você está cansado e desanimado? Sente que vida cristã é tudo uma luta – na qual muitas vezes sai perdendo? Talvez você permite coisas que sabe que estão errados, mas não encontra a força em dizer não. Talvez algumas vezes tem pensado, “Se não passa disso, então não é para mim.” Alguma vez já tem se perguntado se há algo a mais?

Sim, há algo a mais! Talvez você esteja até bem. Com certeza, às vezes tropeça, mas nada muito sério. Você vive a vida fazendo o que deve fazer na maior parte do tempo. Ninguém pode

te culpar por algo e você pretende seguir em frente. É uma caminhada difícil, e quando falam sobre a alegria na vida cristã, você começa a pensar que deve ser só conversa. Mas algumas vezes, você deseja que fosse verdade.

Mas há mais! Talvez você tem encontrado. Sua caminhada com Deus até que é feliz. Você tem aprendido a confiar nele e sente seu amor. Tem vitória nele e sabe onde está indo com Deus à frente. Voltar atrás não é uma opção porque a sua caminhada com Deus é muito prazerosa.

Ainda há mais! Há Deus. Sempre há Deus. Sempre há mais de Deus. Jamais conseguimos alcançar o fim de Deus. Podemos sempre conhece-lo melhor. Quanto mais o buscamos, mais o conheceremos e jamais seremos desapontados. “Pois eu sei os planos que tenho para vós, diz o senhor, planos de paz, e não de mal, para vos dar uma esperança e um futuro. Então me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jeremias 29:11-13). ▲

*Terrol Koehn
Hardin, Montana*

Prezados jovens,

“No Calvário Jesus foi cravado na cruz, para um mundo em trevas salvar” (Inspirações de Louvor, n. 22). Esse hino foi uma inspiração para mim quando estava me sentindo um pouco desanimado. Parece que é fácil pra mim ficar triste e sentir que não estou fazendo bem o suficiente em

minha vida cristã. É fácil olhar em volta e me comparar com outros e pensar que eu não estou vivendo tão bem como meu irmão. Não é assim que Deus quer que vivamos.

O hino também fala, “A cruz significa amor”. Isso é um pensamento interessante! Tudo o que precisamos fazer é ir à cruz quando estamos em dificuldade, e Deus irá nos ajudar porque nos ama tanto. Francamente, não lembro disso com a frequência que deveria nem sempre lembro quão grande é o seu amor. É fácil envolver com as coisas da vida e tentar fazer tudo sozinho. Por que faço assim se tudo que isso traz é tristeza? Se olhamos a criação e o poder de Deus e tudo que ele fez por nós, por que não iríamos confiar nele?

Outra coisa com que luto é em aceitar o meu lugar na vida e o plano de Deus para meu futuro. Ele diz na Bíblia: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hebreus 13:5). Se pudermos confiar e deixar tudo com ele, creio que podemos ter mais prazer na vida. “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento” (Provérbios 3:5). Esse é um dos meus versículos prediletos e meu desejo é de viver assim.

Vamos fazer o melhor que podemos em conhecer e cumprir a vontade de Deus. Requer um esforço para ser fiel, mas é possível com a ajuda de Deus. Tudo o que ele pede é que lhe sigamos. “Em Jesus encontrei, do pecado, o perdão. E por ele obtive a libertação”. Então, não desista meu amigo. Valerá a pena no final! ▲

Kayla Schmidt
New Plymouth – Idaho – EUA

Prezados jovens,

Tenho uma experiência que senti em compartilhar.

Recentemente, estava num tempo de incerteza. O medo parecia querer dominar. E ao tentar entender como lidar com meu medo, uma pergunta veio a mim, “O que eu iria alimentar- o meu medo, ou a minha fé em Deus?” ▲



UM JOVEM MÁRTIR

Há muitos e muitos anos, nos primeiros séculos da igreja cristã, muitos fiéis foram martirizados pela sua fé. Um dia, na cidade de Antioquia, um cristão fiel estava sendo levado para o lugar onde morreria como mártir. A caminho, ele disse ao carrasco que o levava:

— Pergunte a qualquer criança destas que passam por aí se é melhor servir a Deus, o Criador dos céus e da terra e único Salvador capaz de nos salvar, ou adorar a estes deuses falsos a quem os pagãos adoram.

Bem na hora que ele dizia isso, estavam com uma mulher cristã que passava por ali com seu filho, Cyril, de uns dez anos de idade. Ao ouvir as palavras do cristão, os olhos do juiz caíram sobre a criança e decidiu fazer-lhe esta pergunta. O juiz era pagão e não cria no único Deus verdadeiro que criou os céus e a terra, mas adorava a muitos deuses e ídolos.

Ao perguntar ao menino se cria em um único Deus ou nos muitos deuses, ele respondeu:

— Excelência, há apenas um Deus, e Cristo é um com o Pai.

O juiz ficou irado e acusou o cristão:

— Ah, seu cristão safado! Foi vocês que o ensinaram a responder assim!

Então voltando-se para o menino, o juiz perguntou com um pouco mais de brandura:

— Diga-me, meu filho, onde você aprendeu esta crença?

O menino olhou carinhosamente para sua mãe e respondeu:

— Foi a graça de Deus que ensinou esta verdade à minha mãe e foi ela que me ensinou assim.

— Vejamos o que o amor a Cristo é capaz de fazer por você agora — disse o juiz cruel, acenando para que os seus soldados prendessem o rapaz indefeso. De bom grado aquela mãe teria feito qualquer coisa para salvar o seu filho, até mesmo dando sua vida por ele, mas nada podia fazer. Ela só teve tempo de dizer-lhe baixinho que confiasse no amor de Cristo e dissesse a verdade.

— E o que é que o amor de Cristo vai fazer por ele? — perguntou o juiz.

— Pode dar-lhe o poder para suportar o que o Mestre dele suportou por ele e por todos nós.

Um dos soldados que segurava o menino, deu-lhe um tapa no rosto. Então o juiz tornou a perguntar à mãe:

— E agora, minha senhora, o que o amor de Cristo faz por ele?

Enquanto isso, muitos da multidão que observam aquela cena estavam com lágrimas nos olhos, até muitos que nem criam em Cristo. Seus corações eram tocados ao observar a coragem e fé daquela mãe e seu filho frente a tão cruel tratamento. A mãe, sofrendo tanto quanto o filho, tornou a responder:

— O amor de Cristo o ensina a perdoar os seus perseguidores.

O menino ficou observando sua mãe, que ergueu os olhos para o céu em súplica pelo filho indefeso. Quando os seus algozes lhe perguntaram se estava pronto para crer nos deuses que eles serviam e negar a Cristo, ele respondeu:

— Não! Pois não há outro Deus fora um, e Jesus Cristo é o Redentor do mundo. Ele me amou e eu o amo também.

Com isso os soldados cruéis desceram sobre ele com seus bastões. Mesmo depois que o menino desmaiou, continuaram espancando-o até que finalmente jogaram o seu corpo esmagado nos braços da sua mãe, dizendo com desdém:

— Agora vejamos o que o amor do seu Cristo pode fazer pelo seu filho!

A mãe segurou o seu filho quebrado perto do seu coração, que também estava esmagado, e respondeu:

— O amor de Cristo pode livrá-lo da ira e crueldade dos homens, levando-o para o descanso no céu.

— Mãe — sussurrou o menino, — quero um gole de água fresca da nossa cisterna para refrescar minha língua.

Não era possível a mãe chegar até a cisterna, mas o consolou:

— Meu querido filho, você já provou da fonte de água viva que jorra para a vida eterna, que é a graça que Cristo dá aos seus pequeninos. Você disse a verdade em amor. Levanta, seu Salvador está chamando. Que ele conceda à sua pobre mãe a graça para seguir nos seus passos!

Com seu último folego, o pequeno mártir abriu os olhos e disse com brandura:

— Só há um único Deus, e Jesus Cristo que ele enviou.

Assim dizendo, partiu para a vida eterna no céu. ▲

O Mensageiro é publicado bimensalmente pela Igreja de Deus em Cristo – Menonita.

Endereço para correspondências e assinaturas:

O Mensageiro

Caixal Postal 105

75901-970 Rio Verde – GO (Brasil)

Fone: 64 3071 1831

e-mail: publicadora@menonita.org.br

Como assinar (para um ano): Com cheque nominal e cruzado de R\$30,00 (trinta reais) ou através de depósito na conta da Publicadora Menonita, no Banco Itaú:

Agência: 0322

Conta corrente: 34844-2

Enviar endereço completo e cheque ou comprovante de depósito para o endereço acima.